



SOLIDARIEDADE E LIDERANÇA DAS MULHERES NEGRAS EM CONCEIÇÃO EVARISTO

SOLIDARITY AND LEADERSHIP OF BLACK WOMEN IN CONCEIÇÃO EVARISTO

Marluce Freitas de Santana¹

Resumo: Este artigo apresenta um estudo sobre a “sororidade” e a “matrifocalidade” na obra *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo. Esse romance traz diferentes aspectos da rede de solidariedade das mulheres negras, como liderança e resistência. As imagens de solidariedade feminina reforçam o conceito de “sororidade” – a irmandade feminina –, formulado pela crítica feminista negra contemporânea para desconstruir a ideia de rivalidade entre as mulheres, identificada na família matrifocal. Metodologicamente, partimos dos conceitos de Vasconcelos e Gonzales, os quais identificam a colaboração feminina como uma estratégia de autoestima afrodescendente que fortalece sua ancestralidade. Tais relações femininas familiares projetam o empoderamento e a emancipação das mulheres negras como parte das lutas políticas e pessoais por seus direitos, como acontece com as personagens de Evaristo.

Palavras-Chave: Sororidade. Matrifocalidade. Mulheres Negras. *Ponciá Vicêncio*.

Abstract: This paper presents a study about “sorority” and “matrifocality” in the work *Ponciá Vicêncio* (2003), by Conceição Evaristo. This novel brings different aspects of the solidarity network of black women, such as leadership and resistance. The images of feminine solidarity reinforce the concept of “sorority” – the feminine fraternity–, created by the contemporary feminist black critique to deconstruct the idea of rivalry among the women, identified in the matrifocal family. Methodologically, we start from the concepts of Vasconcelos and Gonzales, which identify the female collaboration as an Afrodescendant self-esteem strategy that strengthens its ancestry. Such female family relations project the empowerment and emancipation of black women as part of political and personal struggles for their rights, as is the case with Evaristo’s characters.

Keywords: Sorority. Matrifocality. Black Women. *Ponciá Vicêncio*.

¹ Professora da Universidade do Estado da Bahia do Campus XXI. Mestra e Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Del Mar do Chile; Mestra em Crítica Cultural pela UNEB. Integrante do Grupo de Pesquisa – Educação Literária Afrodescendente UNEB/CNPq. E-mail: mvsantana@uneb.br

Este artigo apresenta um estudo sobre as questões de liderança e de resistência das mulheres negras a partir do feminismo negro, que reconhece o fenômeno da solidariedade entre as afrodescendentes brasileiras como uma estratégia de luta por seus direitos. Essas questões são próprias das organizações matrifocais, que fazem parte da tradição das famílias e comunidades negras da escravidão até nossos dias. (VASCONCELOS, 2015, p. 120-21). Nossa discussão toma como fio condutor as representações afro-brasileiras da obra *Ponciá Viçêncio* (2003), de Conceição Evaristo. Objetivamos demonstrar que um dos temas mais importantes que atravessam a produção ficcional dessa autora é a solidariedade feminina, fenômeno diretamente vinculado ao empoderamento das mulheres negras.

Em seus estudos, Vânia Vasconcelos percebeu a insistente representação de relações solidárias entre as personagens afro-brasileiras que protagonizam tais enredos, formando um verdadeiro “rosário de mulheres” (2015, p. 154). Vasconcelos cria essa metáfora para representar a força simbólica dessa corrente de irmandade afro-feminina que contorna o imaginário literário da autora. É inevitável inferir a alusão ao belo poema de Evaristo, intitulado “Meu Rosário”, que certamente inspirou a estudiosa na construção desse conceito. A imagem das contas negras sugere a interação das afrodescendentes, dando origem a uma espécie de cordão resistente, cujos elos de ligação são a fé, a coragem e a força dessas mulheres que, cotidianamente, lutam contra as opressões de gênero, de raça e classe (VASCONCELOS, 2015, p. 154).

A constante presença da solidariedade entre as mulheres negras percebida na obra desta escritora estabelece um significativo engajamento feminista e deslocamento do poder masculino. É notória a opção de Conceição Evaristo pelo protagonismo das personagens femininas, que nas suas narrativas compartilham das tramas ao lado dos homens, os quais, no entanto, ocupam posições secundarizadas. São as mulheres que são resolutivas nas questões familiares ou comunitárias, nos contos e romances da autora. Tal constatação evidencia a ênfase na valorização de protagonistas negras em confronto com a tradição canônica que transfere para a ficção os valores patriarcais da centralidade masculina.

Nesse sentido, é possível situar o engajamento dessa escritora às formulações feministas contemporâneas. Esse campo teórico vem discutindo a necessidade de união das mulheres, da reversão de uma suposta rivalidade entre elas, apregoadas pelo pensamento patriarcal. Para

tanto, exploramos o conceito de “sororidade” como operador de uma crítica a esses pressupostos, pois desconstrói a ideia de que as mulheres são sempre competidoras e rivais que perpassa as representações dessa tradição. A sororidade reivindica o reconhecimento de atitudes solidárias e colaborativas presentes nas relações femininas. “(...) Evaristo cria em seus textos situações nas quais essa colaboração entre mulheres afrodescendentes de várias gerações resgata nelas a autoestima e fortalece a conexão com a ancestralidade” (VASCONCELOS, 2015, p. 155).

A socióloga argentina Susana Beatriz Gamba, presidenta da Fundacion Agenda de las Mujeres, contribui para a compreensão do conceito de *sororidade* aplicado a uma visão feminista. O termo não compõe o léxico da Língua Portuguesa e advém do latim, *sóror*, que significa irmãs, mas assemelha-se à noção de fraternidade, palavra também derivada do latim *frater*, que quer dizer irmãos. O pensamento patriarcal reservou somente a versão masculina do termo, cujo sentido liga-se à possibilidade de relações harmoniosas entre os homens, verificado em qualquer dicionário, pois,

(...) afinal de contas, a sociedade patriarcal nos ensina que relações harmoniosas somente são possíveis de se concretizarem entre homens. Sororidade é uma dimensão ética, política e prática do feminismo contemporâneo. É uma experiência subjetiva entre mulheres na busca por relações positivas e saudáveis na construção de alianças existencial e política com outras mulheres, para contribuir com a eliminação social de todas as formas de opressão e apoio mútuo para alcançar o empoderamento vital de cada mulher (GAMBA, 2009).

Essa solidariedade é marca das relações entre as mulheres afrodescendentes nos textos de Conceição Evaristo. O exercício desse sentimento de irmandade feminina que perpassa essas narrativas aponta para uma estratégia de resistência e empoderamento desse grupo que, tanto na ficção de Evaristo, quanto na vida real, se uniram/unem para a preservação das tradições culturais afro-brasileiras e manutenção de uma rede de apoio, visando à superação das dificuldades cotidianas. Esta prática foi fundamental para que as novas gerações pudessem galgar posições sociais melhores. Enquanto grupo social marginalizado e desassistido, a colaboração mútua entre elas foi de fundamental importância para que conseguissem trabalhar e estudar. Essas parcerias

permitiram às mães negras contar com os cuidados para com seus filhos, quando ausentes de casa em atividades laborais (VASCONCELOS, 2015, p. 156).

A seguir, apresentamos como as questões da solidariedade feminina são construídas dentro do feminismo negro e da literatura de Evaristo.

Mãos femininas solidárias e o poder de inventar

Maria da Conceição Evaristo é uma ficcionista, poetisa e pesquisadora contemporânea que mescla talento, experiência subjetiva e militância política para dar forma às suas escrituras. Uma escrita notadamente engajada que faz do pessoal, político, em defesa da mulher negra, da cultura afrodescendente e contra o preconceito de raça, gênero e classe social. A relevância da obra de Evaristo está, também, no notável valor estético dos textos publicados, tanto os ficcionais – contos, romances e poesias, quanto os ensaísticos.

Conquistou o prêmio Portugal Telecom, em 2009, com o livro *Poemas de recordação e outros movimentos* (2008) e na edição de 2011, desta mesma premiação, mais uma vez foi finalista com o livro de contos *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2010). Seu trabalho já transpôs as fronteiras nacionais, pois tem textos publicados em antologias na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos, além da versão em inglês do mais conhecido romance de sua autoria, *Ponciá Viêncio*, publicado em 2003.

Evaristo estreou no cenário literário em 1990, com a publicação de vários poemas nos *Cadernos Negros*, volume 13, dentre os quais “Vozes Mulheres”, poema considerado manifesto-síntese da poética da autora (DUARTE, 2007, p. 25). Nas demais edições desse periódico, continuou publicando suas poesias, das quais selecionou 31, que, somando-se a outras, compuseram seu livro *Poemas de recordação e outros movimentos* (2008). As principais temáticas desses poemas tratam de aspectos da identidade feminina, da cultura afrodescendente e da memória.

Além de *Ponciá Viêncio* (2003), publicou outro romance, em 2006, *Becos da Memória* e também dois livros de contos: *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) e *Olhos d'água* (2014). Esse último já desponta com sucesso: conquistou o terceiro lugar no prêmio Jabuti de 2015 e constou da lista de livros para os vestibulares 2016.2 de várias universidades do

país. A mais recente publicação reúne doze contos e uma novela: *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016). Em todas as suas narrativas, a autora faz opção por um ponto de vista feminino, que se confunde com as suas próprias experiências de mulher negra e escritora.

Em *Ponciá Vicêncio*, romance que promoveu maior visibilidade a Evaristo, as questões de raça, gênero e classe social se entrelaçam, tecendo a construção da protagonista, homônima do título do livro, através de suas experiências e buscas identitárias. Sob uma perspectiva não linear de tempo e espaço, a narrativa se faz pela ótica feminina e negra, por meio da onisciência que perscruta os porões da memória da personagem principal, revelando a quem lê a sua trajetória e história de vida, desde a infância até a fase adulta.

As relações de solidariedade entre as mulheres desse romance lembram o sentimento de irmandade que, desde os tempos da escravidão e durante a diáspora negra no Brasil, estabeleceu laços fraternos entre o povo negro; eles fortalecidos pelo sofrimento e compaixão, os quais resultaram na organização de movimentos de luta e ações em defesa desse grupo étnico.

Essa corrente feminina solidária pode ser percebida no destaque dado pela autora à parceria entre Ponciá e Maria Vicêncio, na busca de alternativas para a superação das dificuldades financeiras da família, juntando-se, filha e mãe, para produzirem os artefatos de barro que vendiam; aliás, vemos nessa parceria uma aliança feminina que busca no princípio da complementaridade e cooperação as saídas para a resolução de problemas, em oposição ao modo masculino de lidar com tais situações, que, na maioria das vezes, devido a uma tradição cultural, opta pelo individualismo, autossuficiência e competição.

A mãe fazia panelas, potes e bichinhos de barro. A menina buscava a argila nas margens do rio. (...) Quando a filha se foi, ela se sentiu meio aleijada. Foi como se tivesse perdido uma parte de seu corpo. A menina era a sua filha mulher. Falavam, trabalhavam e cantavam juntas (...) (EVARISTO, 2003, p. 18; 77).

Ousamos inferir do simbolismo desse fazer, criar e inventar solidário as possibilidades de as mulheres tomarem as suas experiências subjetivas como matéria-prima para a reinvenção das próprias vidas e para a criação de uma rede de apoio para outras mulheres ainda oprimidas e subalternizadas. Notemos que aqui são as mãos femininas

que dão forma a um outro mundo, que amassam o barro retirado do rio e com ele constroem caminhos alternativos para as suas vidas: “(...) ela [Ponciá] entendia o barro e ia ao rio buscar a massa. Sabia qual era o melhor, qual a mais macia, a mais obediente. Reconhecia aquela que aceitava de bom grado o comando das mãos, traduzindo em formas os desejos de quem cria” (EVARISTO, 2003, p. 77).

É possível estabelecermos um contraponto entre a narrativa de Evaristo e o mito da criação do homem na visão judaico-cristã, conforme registrado no livro de Gênesis da Bíblia Sagrada. Esta versão criacionista dá conta de um Deus masculino que cria todas as coisas e cria Adão, moldando em barro esse ser que teria sob os seus pés todas as demais criaturas. E esse poder criador masculino cria a mulher, de uma costela de Adão, marcando a posição de subalternidade e dependência feminina, pois ao homem destinou ser o primeiro, o original, ao passo que a mulher foi feita de uma parte secundária do corpo masculino, tão desnecessária que pôde ser retirada sem fazer falta alguma.

Podemos, portanto, identificar nessa representação mitológica raízes do pensamento androcêntrico e patriarcal que fundamentaram as relações de gênero na cultura ocidental. Nesse sentido, a narrativa de Evaristo traz nuances paródicas do mito bíblico, que podem ser lidas como contestação ao paradigma de dominação masculina e abertura para a valorização das subjetividades femininas. É possível interpretar a simbologia das mãos femininas que criam com o barro, que retira do rio a substância para a sua obra, como uma versão que recoloca a mulher num lugar de protagonismo e autoria, afastando-a do papel secundário tutelado pelo homem.

Há aqui a influência de uma mitologia que empodera o feminino, trazendo os sentidos da cultura afro-brasileira para ressignificar o papel das mulheres em nossa sociedade, com destaque para a mulher negra. É o caso da leitura que percebe na relação da protagonista e de sua mãe com o rio e com o barro dele retirado a representação do mito de Nanã Buruquê, ancestral feminina, um dos mitos maternos dos iorubás, cultuada no Brasil pelas diversas religiões afrodescendentes. Na tradição africana, essa deusa ancestral, que habita as profundezas de rios e lagos, onde a água se mistura à terra para formar a lama fecunda, representa o processo cíclico de vida-morte-renascimento e está relacionada à cerâmica, ao período neolítico, ao desenvolvimento da cultura.

Alguns aspectos desse mito parecem-nos propícios a um paralelo com a mitologia hegemônica cristã, já aludida, num sentido subversor. Aqui, em contraponto ao deus masculino ocidental, dono da vida e da morte; o alfa e o ômega, temos um mito africano feminino, cujo elemento orgânico a ele associado, a lama, é a substância primitiva que dá a vida aos seres, mas também retém no seu seio os resíduos da matéria em decomposição. Estamos diante de uma versão que contesta a onipotência criadora masculina, na medida em que atribui esse poder à figura feminina, tanto na representação do mito, já comentada, quanto na ideia do empoderamento da mulher negra, aqui expresso na capacidade de dar forma ao barro primordial para construir outros universos.

Relembramos a história de castração da voz das mulheres, reescrita a partir da luta feminista, com as conquistas que tornaram possível às mulheres sair do recôndito doméstico e alcançar o espaço público. É consenso entre as pesquisadoras que investigaram o processo emancipacionista das mulheres que a conquista de espaços de fala e expressão das subjetividades femininas foram fundamentais para a sua emancipação.

Nesse sentido, a arte e especialmente a escrita literária de autoria feminina têm sido consideradas importantes expressões de empoderamento e libertação. As criações de Ponciá e Maria Vicêncio bem podem simbolizar esse canal de expressividade e transformação através da arte. Assim, como deusas, inventam e reinventam “(...) pessoas, animais, utensílios de casa, tudo coisas de faz-de-conta, objetos de enfeitar, de brincar. Criações feitas, como se as duas quisessem miniaturar a vida, para que ela coubesse e eternizasse sobre o olhar de todos, em qualquer lugar” (EVARISTO, 2003, p. 106-7).

Nessa direção, ampliamos o sentido desse fazer artístico, que transcende ao mero produzir os artefatos de barro para objetivos utilitários e promove, pela liberdade de criar e inventar novos mundos, a reconstrução da realidade. É possível aproximarmos essa práxis de solidariedade criativa feminina, aqui representada pela transmissão dos saberes culturais e artísticos afro-brasileiros entre mãe e filha, das experiências que fecundaram em Conceição Evaristo o desejo de escrever, de transformar em arte literária as suas vivências. Em diversas oportunidades, essa autora, ao ser indagada sobre o processo criativo de sua obra e de onde lhe vem a inspiração, afirma que a matéria da sua escrita é a sua própria existência de mulher afrodescendente, ao que denomina “escrevivências”.

Conceição traz da infância relatos sobre a tradição de contar causos e histórias, cultivada pelas mulheres da sua família. A esse respeito, Vânia Vasconcelos destaca que no caso de Evaristo,

(...) a experiência familiar da infância a faz pensar na escrita não só como criação, mas como uma possibilidade de interferência modificadora do mundo ao seu redor, no sentido aristotélico da reciprocidade da ação política”, ou seja, quando homem ou mulher, enquanto ser político, integra-se a outros/as cidadãos/ãs, no intuito de realizar um objetivo, “(...) afetando e sendo afetado pelas ações individuais e coletivas (2015, p. 149).

É importante destacar que toda a produção intelectual de Evaristo, seja a literária ou acadêmica, põe em relevo o sentimento de cumplicidade com o segmento social a que pertence, no caso as mulheres negras, servindo a sua escrita de elemento catalizador de uma ação solidária em defesa dos interesses dessa população. Esta atuação micropolítica inscreve-se num movimento macro de solidariedade feminina negra, de luta contra a marginalidade social, econômica e política experimentada pelas afrodescendentes em todo o mundo.

A partir de 1970, mais enfaticamente nas décadas seguintes, tivemos uma contribuição teórica significativa para o aprofundamento das análises e compreensão do feminismo negro. A produção teórica feminista de mulheres como Angela Davis, bell hooks, Audre Lorde e Patricia Hill Collins influenciou nosso pensamento feminista, demarcando no seio do movimento as críticas a um status hegemônico que não atentava para as especificidades do grupo de mulheres mais oprimido da sociedade brasileira (CALDWELL, 2010). No Brasil, sob a liderança de Lélia Gonzales, tivemos a organização do movimento social de mulheres negras que, motivadas pelas discussões do Feminismo Negro nos Estados Unidos, buscaram aglutinar forças para enfrentamento da conexão racismo/sexismo que marcou a vida desse grupo de mulheres brasileiras, tornando-as vulneráveis às opressões de raça, gênero e classe (GONZALES, 1982).

Destacamos uma cena da narrativa com significativo teor simbólico para a representação desse movimento de união das mulheres negras mencionado. Trata-se do momento em que a protagonista, migrante da zona rural para cidade, escolhe a escadaria da igreja como amparo para o seu desalento. Trazia no pescoço um rosário de contas

negras, amuleto protetor do seu corpo. No entanto, ao ver todas aquelas mulheres bem vestidas e contritas debulhando seus terços de contas brilhantes, prefere escondê-lo no fundo da trouxa:

Ponciá olhou as pessoas ao redor. Combinavam com os santos, limpas e com terços brilhantes nas mãos. Lembrou-se do seu. As contas eram de lágrimas de Maria. E com um movimento rápido tirou as contas escuras, protetoras de seu corpo, do pescoço. Não teve coragem de debulhar o rosário em público e o enfiou bem lá no fundo da trouxa. Ajoelhou-se tentando rezar a Ave-Maria. (EVARISTO, 2003, p. 35).

Esse episódio pode ser lido como uma alusão ao sincretismo religioso que marca o nosso hibridismo cultural, representado por um elemento que, tanto faz parte da ritualística católica, quanto da religiosidade afro-brasileira. Todavia, preferimos tomar o simbolismo desta imagem para outros sentidos. Vemos na atitude de Ponciá inferência a uma ação coerente para o enfrentamento aos valores coloniais, que hierarquizam as culturas, os gêneros, as classes, as religiões. Como uma espécie de colar de contas negras, as mulheres desse grupo étnico, juntando os trapos de uma vida desgastada pelo sofrimento e discriminação, se unem para protegerem-se a si mesmas, a sua família, a sua identidade cultural e lutarem pelo coletivo afrodescendente, garantindo-lhe a sobrevivência e construção de um novo amanhecer.

Na sequência, abrimos o debate acerca do matriarcado como um espaço de resistência das mulheres negras na ficção de Evaristo.

Matrifocalidade e liderança da mulher negra

A matrifocalidade é um conceito da antropologia aplicado aos estudos de organizações familiares na diáspora negra das Américas. Conforme definição de Gonzalez (1970), no modelo de família matrifocal, a mãe ocupa um lugar de centralidade, com poderes de decisão sobre a casa e as crianças. Vasconcelos (2015, p. 121) traz as contribuições de Herskowitz sobre a influência das tradições africanas na formação de modelos familiares matrifocais e matrilineares, observada entre os afrodescendentes das sociedades que cultivaram o tráfico negreiro. O pesquisador atribui tal ocorrência ao processo de

transposição cultural que acompanhou os africanos escravizados. Em seus estudos constatou que na África Ocidental a estrutura familiar atribui papel de grande importância às avós, enquanto que as relações entre homens e mulheres podem ser temporárias.

Evaristo, ao privilegiar formas de organização familiar nas quais as mulheres exercem papéis matrifocais e os homens são anônimos ou emocionalmente fragilizados, opta pela valorização da herança cultural africana, pelo deslocamento do modelo patriarcal hegemônico implantado no processo de colonização ocidental e pela perspectiva de empoderamento das mulheres negras.

Em seu romance *Ponciá Vicêncio*, predomina a matrifocalidade como representação do núcleo familiar da protagonista, perceptível no papel de Maria Vicêncio, mãe de Ponciá, como voz de autoridade e elemento aglutinador da família. Da mesma forma acontece na relação entre Ponciá e o marido. No caso do seu companheiro, um anônimo, é possível percebê-lo como personagem-tipo para representar o esvaziamento do poder paterno na família afro-brasileira (VASCONCELOS, 2015, p. 121).

Notemos que uma das características da protagonista que atraiu o seu companheiro foi exatamente o seu jeito independente, dinâmico e aguerrido, que a levou a deixar o povoado, trabalhar muito e comprar uma casinha na favela. Depreende-se da narrativa um perfil feminino em torno do qual delinea-se a imagem de uma liderança familiar matrifocal, embora por conta das desilusões, das inúmeras perdas e falta de perspectivas a personagem renuncie esse lugar, preferindo outros sentidos para a própria vida.

(...) Ele também estava enamorado e observara que ela era uma pessoa muito ativa. Estava sempre a lidar. (...) Sabia que a moça viera da roça deixando a mãe e o irmão, pessoas que agora ela procurava tanto. Trabalhava ali e tinha uma casinha no morro. Ele gostava da tenacidade dela. De seu olhar adiante. Era uma mulher sozinha e muito mais forte do que ele(...) (EVARISTO, 2003, p. 65).

Seguindo na perspectiva de demonstrar os valores matrifocais na obra analisada, deparamo-nos com a liderança feminina do lar de Maria Vicêncio, a mãe de Ponciá. A condição de trabalhadores rurais ainda sob o jugo dos donos da terra mantém os homens da casa por longos

períodos ausentes, nos campos de trabalho. Tal circunstância permite, por parte da mulher, o exercício solitário da gestão familiar, favorecendo o desenvolvimento da autonomia, mas recaindo sobre ela a responsabilidade da família.

[Ponciá] (...) fora criada sozinha, só com a mãe. Tinha mais um irmão que pouco brincava com ela, pois acompanhava o pai no trabalho da roça, nas terras dos brancos. Ela e a mãe ficavam dias e dias sem ver os dois. Nos tempos das chuvas as visitas deles rareavam mais ainda. A mãe fazia panelas, potes e bichinhos de barro. A menina buscava a argila nas margens do rio. (...) A mãe nunca reclamava da ausência do homem.(...) Quando ele chegava, era ela quem determinava o que o homem faria em casa naqueles dias. O que deveria fazer quando regressasse lá para as terras dos brancos.(...) Enrolava as vasilhas de barro em folhas de bananeira e palhas secas, apontava as que eram para vender e estipulava o preço(...) (EVARISTO, 2003, p. 18; 24).

Maria Vicêncio representa a liderança matriarcal, tão comum entre as famílias afro-brasileiras, que marca uma herança cultural derivante das adequações à realidade de dominação escravista e de sobrevivência negra no pós-abolição. Vasconcelos (2015, p. 120), traz de Gonzalez a explicação sobre a tendência matrifocal que predomina nas famílias negras das Américas. Esta pesquisadora toma o conceito de “matrifocalidade” como basilar para explicar tais arranjos familiares. O fenômeno é observado em sociedades com histórico escravagista e mantém estreita ligação com a falta de políticas inclusivas para as populações ex-escravizadas.

Assim, a exclusão dos negros libertos da vida política, jurídica e dos setores produtivos, no pós-abolição, promoveu a condição de miserabilidade e baixa renda para os homens dessas comunidades, o que obrigou as mulheres a assumirem o lugar de provedoras da família e a desenvolverem, com criatividade, atividades de ganho. Tal realidade vem representada na narrativa em estudo e pode significar, mais uma vez, o deslocamento do papel do pai, no seio familiar, em confronto com a tradição patriarcal. Na família de Ponciá é a mãe que coordena e orienta a gestão familiar, e busca, através da criatividade, alternativa para o sustento da casa:

A mãe nunca reclamava da ausência do homem. (...) Quando ele chegava, era ela quem determinava o que o homem faria em casa naqueles dias. O que deveria fazer quando regressasse lá para as terras dos brancos. O que deveria dizer para eles. O que deveria trazer da próxima vez que voltasse para casa. Enrolava as vasilhas de barro em folhas de bananeira e palhas secas, apontava as que eram para vender e estipulava o preço. Das que eram para dar de presente, nomeava quem seria o dono. O pai, às vezes, discordava de tudo. (...) A mãe repetia o que havia dito anteriormente. O pai fazia ali o que ela havia pedido e saía sem se despedir dela e da filha, puxando o filho pela mão (EVARISTO, 2003, p. 24).

Uma outra explicação para esta tendência de organização familiar matrifocal pode estar na origem cultural africana e no conseqüente processo de aculturação que acompanhou a vinda das populações negras para solo brasileiro. Terezinha Bernardo, em importante estudo sobre a mulher negra na diáspora brasileira, que parte da intersecção gênero/religiosidade, buscou explicação para o que considerou características comuns às afro-brasileiras: a autonomia para gerir a família e a habilidade para os negócios. Para ela,

(...) a matrifocalidade, como forma alternativa de família, parece fazer parte dos fluxos, das formas constituídas na diáspora. Tanto para a mulher africana, quanto para a afro-brasileira, a matrifocalidade, aparentemente, não foi só uma imposição da escravidão e do pós-abolição – com a conseqüente marginalização do homem negro. A mulher negra parece viver esta opção de forma diferente das mulheres brancas. Em minhas pesquisas anteriores, pude verificar que, para essas mulheres, a matrifocalidade não é encarada como sofrida, pesada; pelo contrário, acentua sua autonomia (BERNARDO, 2003, p. 44-45).

Podemos associar a experiência vivenciada pela família de Ponciá à realidade comprovada em pesquisas e debatida pelo feminismo negro. A história das mulheres afrodescendentes no Brasil vem marcada por um protagonismo anônimo e silencioso que, de certa forma, diverge do lugar comum de passividade atribuído ao sexo frágil pelo pensamento androcêntrico. Buscando transpor as barreiras do sexismo, racismo e pobreza, as mulheres negras brasileiras, desde a escravidão até aos nossos

dias, percorreram uma trajetória de superação pela coragem, criatividade e fé, “(...) que se revela a arte de sobreviver e viver”, como bem coloca Alzira Rufino (2003, p.13).

É importante notar que, embora a imagem do avô Vicêncio seja marcante na memória de Ponciá como liame à ancestralidade africana, a ponto de materializá-la dando-lhe forma com o barro, parece-nos que a ênfase dada a este personagem masculino representa a possibilidade de rompimento com a herança da escravidão por meio da reconstrução das próprias vidas. Tal suposição se infere do ato de fazer uma estátua desse ancestral negro africano, simbolicamente nascido ou renascido do moldar com as próprias mãos, negras e femininas, esta nova existência.

Percebe-se, também, que a importância dada à memória do avô tem a ver com a necessidade de rememorar o que jamais deverá ser esquecido ou apagado da memória coletiva dos afro-brasileiros. É preciso não esquecer a necessidade de reivindicar a reparação e despertar as consciências para a luta contra o racismo e a opressão de raça e gênero que atingem esse grupo étnico na diáspora. Portanto, no espaço familiar dessa obra, é a mãe de Ponciá que exerce o papel de liderança familiar, colocando-se como elo de cuidado, orientação, afeto e compreensão entre os integrantes da família.

Chamou-nos a atenção a opção da autora pelo protagonismo, no seu romance, de um tipo de família em que as relações entre marido e mulher fogem às convenções patriarcais. Na família de Ponciá, a mãe é quem tem voz ativa e dá a palavra final, tanto no âmbito da casa, quanto nas providências para a manutenção da família. Aqui a mudez e passividade é masculina: “O pai era forte, o irmão quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam(...)” (EVARISTO, 2003, p. 24). Tal configuração parece-nos reforçar a ideia de rompimento com as concepções essencialistas e prescritivas sobre homens e mulheres construídas pelo pensamento patriarcal.

Portanto, Evaristo inverte a posição de mutismo imposta às mulheres pela tradição androcêntrica que historicamente legitimou a palavra de autoridade ao homem. Os personagens masculinos desse romance são marcados pela ausência desse poder de fala: “Ponciá Vicêncio achava que os homens falavam pouco. O pai e o irmão haviam sido exemplos do estado da quase mudez dos homens no espaço doméstico. Agora, aquele, o dela, ali calado, confirmava tudo (...)” (EVARISTO, 2003, p. 67).

Além disso, em *Ponciá Vicêncio*, duas vozes femininas ecoam com autoridade, liderança e sabedoria, representando o rompimento com a tradição e reafirmando as conquistas das mulheres tanto no âmbito doméstico quanto no espaço público. Maria Vicêncio, mãe de Ponciá, e a mitológica Nêngua Kainda, anciã africana residente na Vila Vicêncio. Elas simbolizam a legitimidade da fala feminina e o empoderamento conquistado pelas mulheres em geral e pelas negras, em específico, que tomam posse da própria voz e enunciam o próprio discurso.

A representação da personagem Nêngua Kainda no romance é emblemática, pois personifica as diversas gerações de mulheres negras e atua como conselheira, guardiã da tradição africana e mentora ancestral, podendo ser associada à solidariedade feminina negra. Ela também está relacionada à religiosidade afro-brasileira. Diante dessa solidariedade e resistência, isto é, o “rosário de mulheres”, resta aos homens serem amparados e acolhidos quando em situação de sofrimento. Por exemplo, em meio ao desespero pela morte da mulher amada, assassinada por um rival, Luandi, irmão da protagonista, recorre às mulheres, trazendo-as à lembrança, numa espécie de corrente do bem, a acalantar a sua dor e o proteger de tamanha orfandade:

(...) a mãe, Ponciá, Bilisa-estrela, Vó Vicência (...) e ainda outras mulheres da família e do povoado, muitas que ele nunca vira e que apenas ouvira falar delas. Eram só mulheres que naquele momento se acercavam de Luandi. E, dentre elas, uma orientando os passos das demais. Uma era guia de todas, a velha Nêngua Kainda (EVARISTO, 2003, p. 121-22).

A presença de Kainda remonta à tradição religiosa de matriz africana, no sentido da liderança e papel maternal, exercidos pelas sacerdotisas do candomblé. Segundo Vasconcelos, “a matrilinearidade é um princípio fundamental da sucessão nas casas tradicionais da religião afro-brasileira na Bahia” (2015, p. 126). Essa pesquisadora também destaca a religiosidade afro-brasileira como importante espaço de preservação cultural, acolhimento/proteção e empoderamento das mulheres negras. É como se as relações afetuosas, protetoras e de liderança das mulheres, cultivadas nas famílias matrifocais afro-brasileiras, estendessem-se ao grupo religioso, orientando-se pelas mesmas diretrizes de liderança feminina e solidariedade entre as mulheres.

Considerações finais

As imagens de solidariedade feminina que se evidenciam no romance *Ponciá Vicêncio* reportam-nos ao conceito de “sororidade” muito debatido pela crítica feminista contemporânea. Essa obra é rica em exemplos de relações femininas que consolidam a liderança das mulheres negras no território afro-brasileiro. Nesse espaço, as mulheres estão preocupadas em construir relações colaborativas, projetando um modelo de resistência e solidariedade da mulher negra brasileira.

Assim, a literatura de Conceição Evaristo aproxima-se dos ideais do movimento feminista que valoriza o exercício solidário feminino para enfrentar as opressões de gênero, raça e classe. Seu engajamento às demandas feministas contemporâneas, mais especificamente à luta das mulheres negras, incorpora princípios que orientam o Feminismo Negro, conforme sintetiza Bairos (1995): a valorização do legado histórico das lutas contra o racismo; a intersecção entre raça, gênero e classe como elementos configuradores da opressão feminina; e o combate aos estereótipos que historicamente atingem as mulheres negras e a valorização das experiências não acadêmicas de mulheres negras, validando os relatos como fontes históricas e registros culturais.

Nessa direção, a obra de Conceição Evaristo tem a particularidade de discutir dois aspectos fundamentais do feminismo negro: o empoderamento das mulheres afrodescendentes e a solidariedade desse grupo. Tais estratégias são fundamentais para a superação de suas personagens diante de dificuldades enfrentadas na diáspora. Essas marcas são próprias da sororidade, que traduz a solidariedade indispensável para o alcance dos objetivos emancipatórios das mulheres e, em especial, das mulheres negras. Este exercício solidário incorpora tanto a influência de traços culturais de origens africanas, quanto a necessidade de atitudes resilientes, para a superação das opressões e preconceitos de gênero, raça e classe social.

Nesse sentido, identificamos o posicionamento questionador da tradição patriarcal, na narrativa de Evaristo, pela valorização da família matrifocal. Os traços culturais dessa herança fazem parte do “rosário de mulheres” (VASCONCELLOS, 2015, p. 154), metáfora que simboliza a opção dessa escritora por evidenciar a liderança feminina na sua escrita

com respaldo para a cumplicidade das mulheres negras na luta pela superação das dificuldades cotidianas.

Destacamos, portanto, a escrita de Evaristo como ato de insubordinação na medida em que ergue sua voz de mulher negra, trazendo suas experiências e subjetividades como forma de questionar o paradigma cultural hegemônico, tanto no sentido de valorizar o legado africano, quanto no sentido de fazer protagonizar grupos marginalizados, como é o caso das mulheres negras, que em *Ponciá Vicêncio* são representadas em papéis de liderança familiar e comunitária.

Referências

BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. **Estudos feministas**. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ; PPCIS/Uerj. Dossiê de Mulheres Negras, v. 3, n. 2, 1995.

CALDWELL, Kia Lilly. A institucionalização de estudos sobre a mulher: Perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil. **Revista da Abpn**: experiências de mulheres negras na produção do conhecimento. Brasília, v. 1, n. 1, p.18-27, 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis; LOPES, Elisângela. Conceição Evaristo: literatura e identidade. **Literafro** – Portal da Literatura Afro-brasileira, Belo Horizonte, UFMG. Disponível em: <<http://www.lettras.Ufmg.br/literafro>>. Acesso em: 02 jun. 2015.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

GAMBA, Susana Beatriz. Sororidad. In: _____. **Diccionario de estudios de género y feminismos**. Buenos Aires: Biblos, 2009. Trad. de Maiara Moreira de Rios. Disponível em: <<http://www.feminismoesororidade.wordpress.com>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

GONZALES, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (Org.) **O lugar da mulher**: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 87-106.

RUFINO, Alzira. Os nós do feminino. **Eparrei**. Santos, n. 4, 2003.

SANTANA, Marluce Freitas de. **Deslocamentos patriarcais pelo feminismo de Conceição Evaristo**. 2016. Orientador: Carlos Magno Gomes. Dissertação (Mestrado em Crítica Cultural) – Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Campus II, Alagoinhas, Bahia, 2016.

Marluce Freitas de Santana

VASCONCELOS, Vânia. **No colo das Iabás**. Maternidade, Raça e Gênero em escritoras Afro-brasileiras. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015.

Recebido: 30/06/2017

Aprovado: 15/08/2017